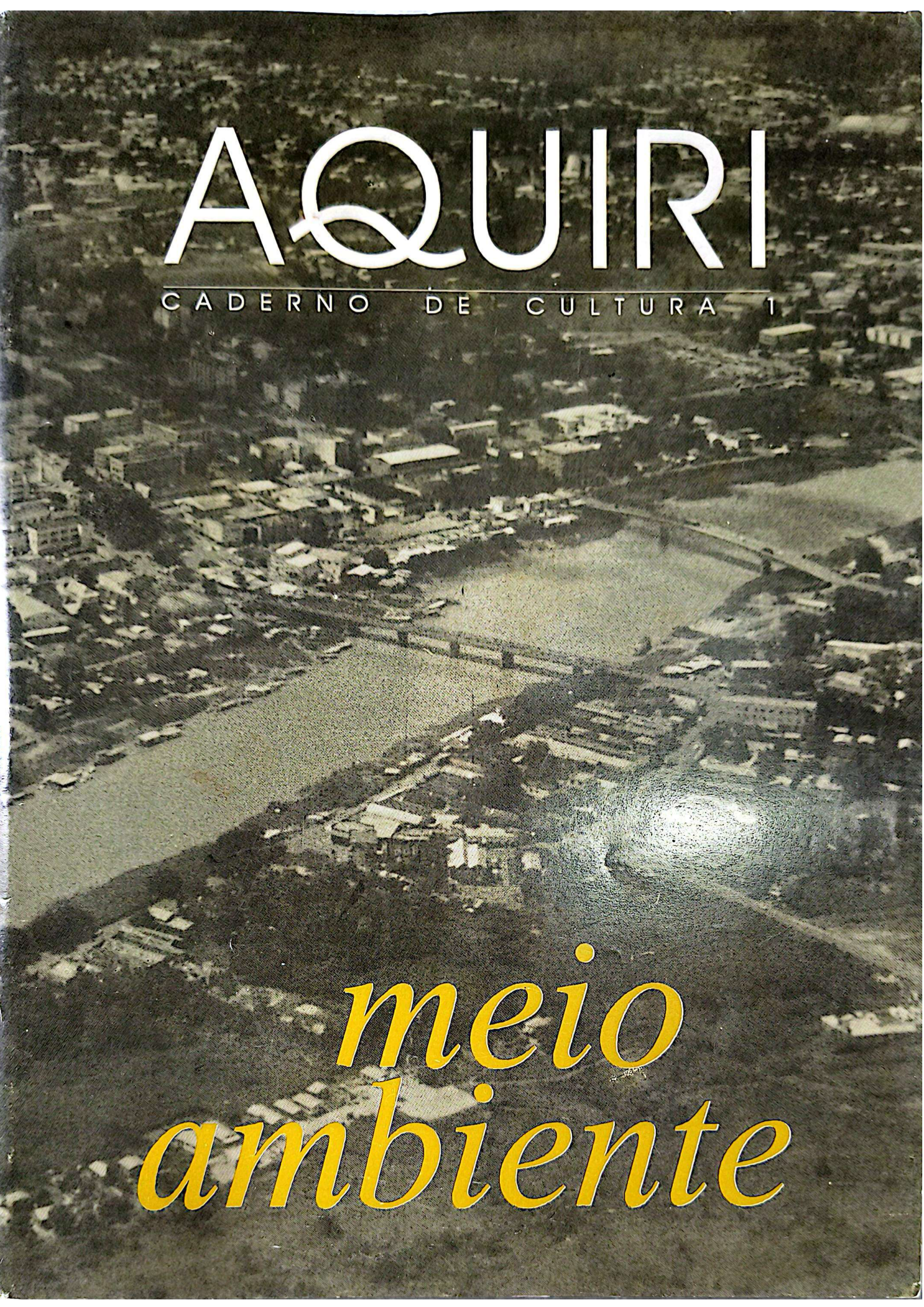
AQUIRI

CADERNO DE CULTURA 1



meio ambiente

AQUIRI

Caderno de Cultura 1

Meio Ambiente Maio de 1989

Fundação Cultural do Acre
Instituto do Meio Ambiente do Acre - IMAC
Governo do Estado do Acre • Governador Flaviano Melo

Conselho Editorial
Francisco Gregório da Silva Filho
Filomena Emília Ramos
Marco Antonio Mendes
José Moreira Chumbinho

Textos
Luis Carvalho Carneiro
Miguel Scarcello
Maria José Bezerra
Ivna Canaveira Monteiro
Judson Ferreira Valentim
Othilia Maria Baptista de Carvalho
Ruth Monserrat
Hélio Melo

Fotografia
Angela Perez • Binho • Argemiro Lima • Luiz Carvalho • Agenor Mariano • Sérgio Vale • Claudemir Mesquita • Pacaio • Mirtes • Jorge Ney • Marcos Santilli • Sérgio Vally • Irene Garrido • Dote• Lucimar Araújo

Arquivos fotográficos
Fundação Cultural do Acre • Defesa Civil - Acre • IBDF - Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal - Acre • FUNTAC - Fundação de Tecnologia do Estado do Acre • Jornal A Gazeta • CDIH - Centro de Documentação e Informação Histórica da Universidade Federal do Acre (UFAC) • Memória Discos e Edições Ltda. • Família de José Guiomard dos Santos

Ilustrações
Monitores Indígenas da Amazônia Ocidental: Kaxinauás, Katuquinas, Yawanawa, Jaminawa e Apurinã.

Participação
Rubens Araújo • Jâmia Cristina • Tião Maia • Katia Simone Bichara • Nietta Lindemberg Monte • Gabriel Emídio

Apoio
SEDUMA - Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente
SEMA - Secretaria do Meio Ambiente

Agradecimentos
SOS Amazônia • Partido Verde • CNDDA - Campanha Nacional de Defesa e pelo Desenvolvimento da Amazônia • CTA - Centro dos Trabalhadores da Amazônia • Conselho Nacional dos Seringueiros • Sindicato de Trabalhadores Rurais - Xapuri • Secretaria de Estado de Cultura do Pará • Comissão Pró-Indio do Acre

Assessoria Editorial e Arte
Memória Discos e Edições Ltda.
Tels. (011) 282-3252 e 881-6148
Alameda Santos, 2500
São Paulo SP 01418

Publicação da
Fundação Cultural do Acre ©
Tels. (068) 224-6890 e 224-1332
Rua Rio Grande do Sul, s/nº
Rio Branco Acre 69900

Os artigos aqui assinados são de inteira responsabilidade de seus autorese não refletem necessariamente a opinião do Conselho Editorial desta publicação

Índice

2 Fim da Caminhada
Poema de Hélio Melo

7 Aquiri
Editorial

8 Reservas Extrativistas:
Idéias que transformam a floresta
Chico Mendes, Raimundo Barros e Jaime Araújo

12 Seringueiros: Por um Desenvolvimento Alternativo
Conselho Nacional dos Seringueiros, Xapuri
Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri
Centro dos Trabalhadores da Amazônia

15 SOS Amazônia: Em Defesa da Floresta e Seus Povos
Miguel Scarcello

17 Os Kaxi do Caucho em: O Samba do Caboclo Doido
Luiz Carvalho Carneiro

25 Amazônia e Integridade Cultural
Gregório Filho e João Jesus Loureiro

30 Acre: Idiomas e Identidade Cultural
Ruth Monserrat

33 Política de Ocupação
Campanha Nacional de Defesa e pelo Desenvolvimento da Amazônia

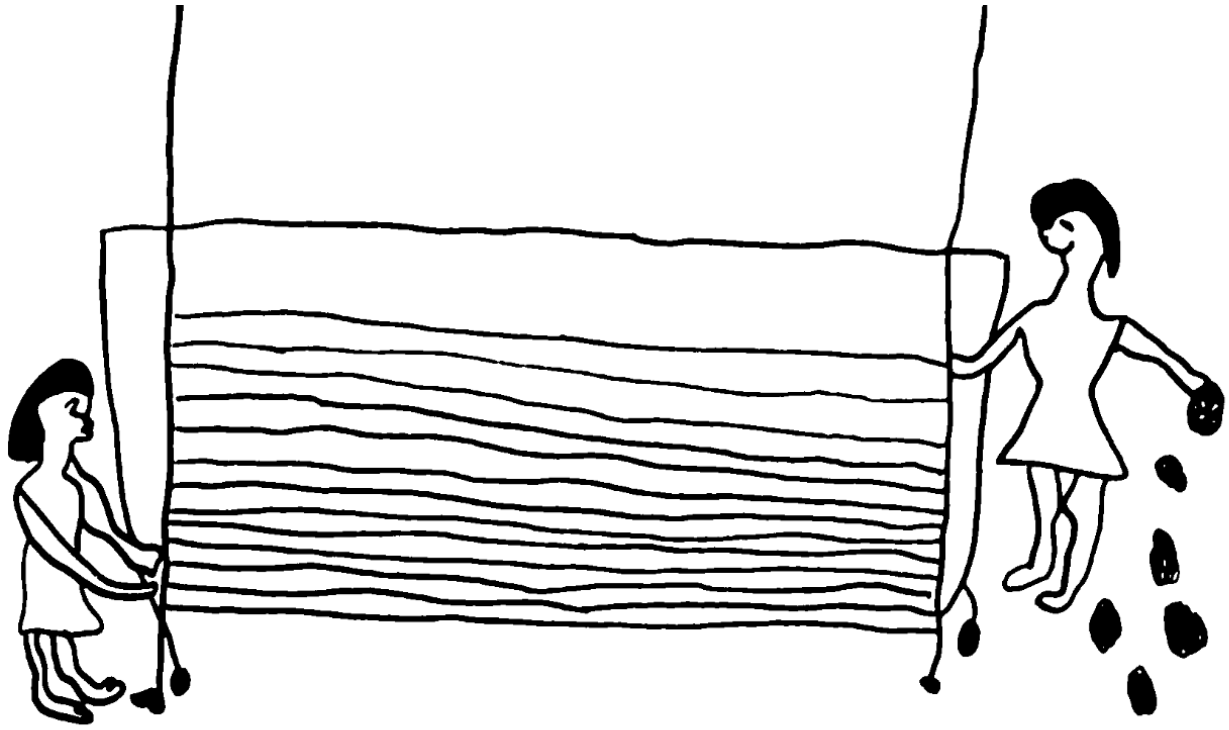
41 Rio Branco e a Negação do Verde
Othília de Carvalho

44 Bases para o Desenvolvimento Regional
Fundação de Tecnologia do Acre

47 O Homem e o Rio
Maria José Bezerra e Ivna Canaveira Monteiro

51 Mais Pastagens, Menos Devastação
Judson Ferreira Valentim

54 Antigas e Novas Idéias para o Acre
Flaviano Melo



Amazônia e Integridade Cultural

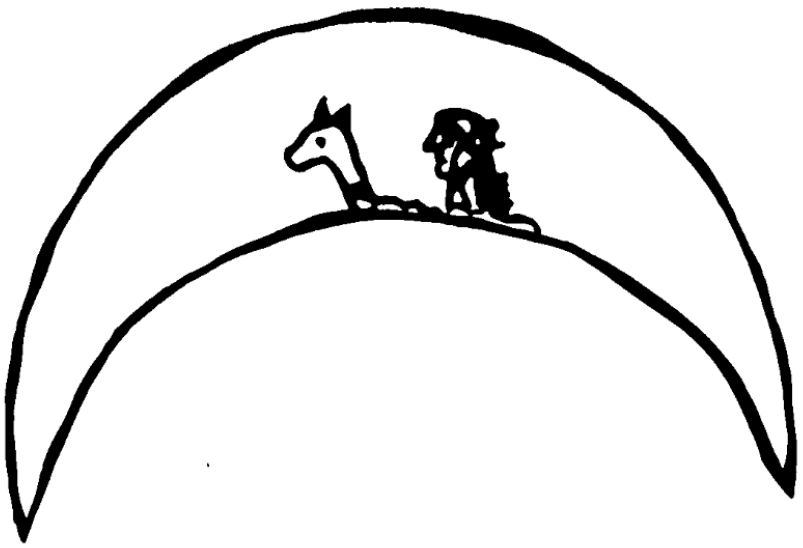
Anotações

As *anotações de trabalho* aqui apresentadas resultam das constantes consultas travadas entre dirigentes de instituições culturais oficiais de dois Estados do Norte, nos intervalos do último *Forum de Cultura*, em Belém.
São eles Gregório Filho (Presidente da Fundação Cultural do Acre) e João Jesus Loureiro (Secretário da Cultura do Pará).

O registro destas impressões abarca todo o universo,
onde se interrelacionam vivamente sociedade e natureza,
bem cultural, ação, consciência, produção, expropriação...
Fluem sinceras observações acerca dos valores materiais e espirituais
cultivados em confronto e na agonia final dessa pré-história do homem.

O teatro de operações sob investigação é ele próprio:
um dos espaços geográficos mais brutalmente espoliados de nosso país.
A Amazônia é esse mundo imenso, onde os produtos da natureza não são apropriados
em benefício do Homem, mas devastados pelo mesmo *sistema parasitário*
que busca retardar o *desenvolvimento das forças produtivas*,
que aliena o trabalho e, consequentemente, a dignidade humana.

Nesse contexto, busca-se examinar as relações diversas que se estabelecem a nível de progresso efetivo, técnica, experiência de produção, instrução pública, ciência, a criação artística e as instituições que lhes correspondem,
personificadoras das idéias políticas e culturais.
Essas anotações refletem também a busca constante em situar a fase
em que se encontra a *heróica resistência* do povo, quase que diluída,
em situações muitas vezes não aparente, entre as diferentes formas
de pluralidade cultural e de estratégias de sobrevivência.



O mundo moderno está marcado pela crescente dependência das nações, por sucessivos e novos golpes de degradação social e ambiental, pelo agravamento das desigualdades e o aniquilamento das identidades culturais; pelos que produzem e pelos que detém o monopólio dos meios de produção.

É patente para os povos que o tão decantado desenvolvimento das mais diversas regiões do globo, continuará sendo um terrível engodo, na medida em que persistir ignorada a necessidade da construção de uma sociedade para o Homem, vale dizer, uma sociedade voltada inteiramente para a cultura e a preservação do meio ambiente. É necessário que a noção plena do desenvolvimento das nações seja fundada na afirmação da *força de trabalho livre* de seus cidadãos e na sua identidade cultural íntegra.

Um estado democrático tem a obrigação de integrar a cultura em seus programas e ações prioritários, estendendo-se ao apoio `as mais diversas manifestações culturais de comprovado interesse público. Todavia, é fundamental que se multipliquem as associações independentes, como formas sociais organizadas e críticas de produção cultural. É necessário, sobretudo, que se entenda cultura no seu sentido mais amplamente humano, integrante do comportamento geral do homem, de sua auto-compreensão e concepção social do mundo em transformação.

O desenvolvimento se comprova pelo caráter das relações culturais contraídas entre os homens...

Cada projeto visando objetivamente o desenvolvimento econômico-social deve ser, aberta e decididamente, um projeto responsável pela natureza e pela cultura dos povos. O desenvolvimento se comprova pelo caráter das relações culturais contraídas entre os homens, pela *parceria* que se estabelece, *consigo* e com a *natureza,* numa sociedade onde sua integridade é agente e razão de ser, onde se afirmam e se enriquecem as identidades culturais, onde se amplia em todos os horizontes o nível cultural, intelectual e moral. Certamente, digno desse nome, esse desenvolvimento não admite as relações de exploração, impõe a circulação integrada dos bens culturais, propiciando sua recepção e resimbolização pela atividade criadora. Desse modo, tem-se verdadeiramente a afirmação individual e coletiva, as experiências de produção e toda a capacidade de trabalho, sempre inovadas e transformadoras. Surge, finalmente, a valorização do processo, na interação da cultura com todos os setores fundamentais do desenvolvimento.

A identidadde cultural é o resultado de um relacionamento plural do homem, da apropriação que faz os valores de sua história, suas tradições, seus costumes, seus modos de vida, do sentimento de solidariedade, de sofrimentos idênticos, de construções coletivas de sociedades mais justas, da idealização prática de um destino comum, do fortalecimento da cidadania e do caráter, através da *luta pela produção;* da *ação* e da *consciência,* o que significa a permanente construção da vida e da identidade cultural.

E é precisamente essa identidade, essencial a cada população, que se acha profundamente hostilizada na Amazônia.

Não se trata, é claro, de optar, face `as ameaças forâneas, pelo isolamento. Socialmente, o isolamento enfraquece, porque nega o envolvimento da história. Todavia, é necessário que o saber e conhecimento técnico advindos de novos tempos sejam fortalecidos e fortaleçam o intercâmbio cultural. Que se respeite a dignidade de todas as culturas. Que a ação modernizadora estabeleça progressivo

equilíbrio entre a necessária evolução e a continuidade necessária dos bens culturais, quais sejam, os elementos do conhecimento, a técnica, a ciência, o saber popular, os bens materiais - incluindo os naturais - no processo de democratização.

... percebe-se que o colonialismo passa a evoluir para uma forma ainda mais aviltante e desagregadora...

Olhando-se criticamente a realidade regional da Amazônia, percebe-se que o colonialismo passa a evoluir para uma forma ainda mais aviltante e desagregadora, daquela que, até então, era conhecida em nossa história. O rosto oprimido de nossa sociedade é visível no rosto do colono, do índio, do seringueiro, do posseiro, do canoeiro, do pescador. No rosto da Amazônia, enfim.

Vivemos um período decisivo de incorporação da Amazônia no sistema de expansão capitalista do país, no violento processo de ocupação expropriadora que se está produzindo. Capturada pelos interesses antinacionais, a região amazônica tornou-se pasto arável do autoritarismo, que transformou o processo de expansão de fronteiras na terra, não apenas como a decantada ampliação do desenvolvimento, mas também saque e expropriação.

Fundamentada na captação da *mais valia* como alavanca do seu impulso dominador, o processo de absoluta exploração do trabalho tornou-se desmedido, reconstituindo todas as escalas da servidão humana. Em nome de um pretenso desenvolvimento nacional promove-se a espúria ocupação do solo e a devastação do homem. A expansão das fronteiras traz na bandeira de suas entradas o demoníaco agravamento das tensões sociais. A terra se mercantiliza com sufocação nos balcões do Estado brasileiro e no guichê do capital monopolista, *internacionalizando* a região, reduzindo o espaço em que respirava o pequeno produtor, ampliando-o entre fazendeiros, grileiros, etc. e, servindo-se de jagunços, conduzem `a violência privada: o Estado brasileiro age coadjuvando essa violência através de seus segmentos, principalmente o poder policial e cartorial. E temse as invasões de posse: o escorraçamento de posseiros a fogo e a bala... o desmatamento indiscriminado e em extensas áreas: a semeadura de *capins daninhos* para denegrir lavouras, até mesmo com o uso de aviões. A guerra psicológica precede a expulsão de famílias inteiras: a *compra* de suas terras por preços irrisórios alicia fazendeiros, grileiros, jagunços, policiais e oficiais de justiça: envolve`a usurpação da terra do índio, além da sua mortandade. É, portanto, num quadro concreto de violência, confrontando com a magia da região, que nossa cultura nasce e se desenvolve.

A cultura nascente nesse quadro acaba sendo cultura de dependência

A dominação ideológica paralisa como o olho mágico da boiúna. Concebidos fora de uma participação efetiva da integridade cultural, grandes projetos apresentam-se como descaracterizados de sua postura, tantas vezes expropriadora e desintegradora da cultura e do meio ambiente. Sabe-se que o modo de pensar é socialmente apreendido e a vinculação ao sistema de vida institucional leva o homem a esquemas lógicos, no interior de uma expressão, de uma linguagem também socialmente apreendida. Assim, os produtores de cultura das classes subalternas, em regiões dominadas, ideologicamente tendem `a subestimação e desvalorização de seu mundo, suas formas de expressão, sua vida e o processo de produção cultural, mantido incipiente e marginalizado.

Convivendo socialmente em sistemas ou aparelhos produtores de hegemonia, a aprendizagem social termina por ser a da confirmação das hegemonias. A submissão aos esquemas de poder emanados de fora dos interesses da Região, transforma a cultura nascente nesse quadro em cultura de dependência.

É difícil, portanto, imaginar-se a produção de uma identidade cultural sob impulsos da dominação ideológica vivida na Região Norte. De que maneira cada região pode servir de campo `a produção de sua identidade, em meio a um contexto que, estruturalmente, se fortalece para negá-la? Que se arregimenta em favor da imposição de padrões e normas de dominação? Como garantir o autoreconhecimento, o distanciamento crítico, a consciência social, capazes de promover a identidade, sem contrariar os *agentes da dominação ideológica* ?

Temos pouco mercado para nossos livros. A impressão de uma obra custa mais caro que nos centros de maior produção. A angústia de ser atual, ser contemporâneo das vanguardas, leva a que artistas atuem desvinculados de seu contexto, como sendo participantes de uma supra realidade irreal, o que concorre ainda mais para o isolamento. Distanciadas dos

grandes centros de produção, as regiões recebem moderadamente e com atraso o impacto das mudanças tecnológicas, no curso da evolução de sua arte. Pelo isolamento gerado, as regiões agravam sua condição de espectadores do *lá de fora*.

...e cria uma cumplicidade própria dos dominados, que acaba por reproduzir a própria dependência

É indiscutível que as mudanças experimentadas pela sociedade reorganizam, no campo artístico, as relações sociais próprias. A crise cultural das regiões termina por advir de causas que não são propriamente estéticas mas, sim do modo como se organizam as relações sociais, comerciais e institucionais entre artistas, divulgadores e o público. Para compreendermos, e é necessário que se perceba claramente as contradições entre a *política cultural* e a *política sócio-econômica*, o modo de relação entre a arte e a sociedade e, além disso, a própria representação ideológica que os agentes culturais têm dessas relações.

Certamente vivemos uma situação de desigualdade. E uma desigualdade terrivelmente agressiva. Recebemos na história recente a imposição do capital e do modo capitalista de produção, de forma bem mais violenta. Sendo assim, o caráter de esmagamento cultural já não resulta propriamente *de fora*, como na época da borracha, mas instala-se também aqui, em etapas galopantes de implantação. E cria uma cumplicidade própria dos dominados, que acaba por reproduzir a própria dependência.

Mas, a fuga `a dominação só é possível sob o gesto de um distanciamento crítico dessa dominação ideológica. Uma caminhada em busca do auto- reconhecimento. Caminhada difícil e complexa. Caminhada em busca da construção de uma identidade social, estruturada paralelamente `a consciência social.

A evidência de que, na Amazônia, coexistem diferentes contextos culturais, o reconhecimento da validade de suas manifestações e a importância de sua valorização, como forma de descaracterizar a tentativa de se impor um padrão cultural *nacional* totalmente alheio a essas mil e uma pequenas identidades, compõem a reflexão/motivação inicial para o desenvolvimento do trabalho com a cultura.

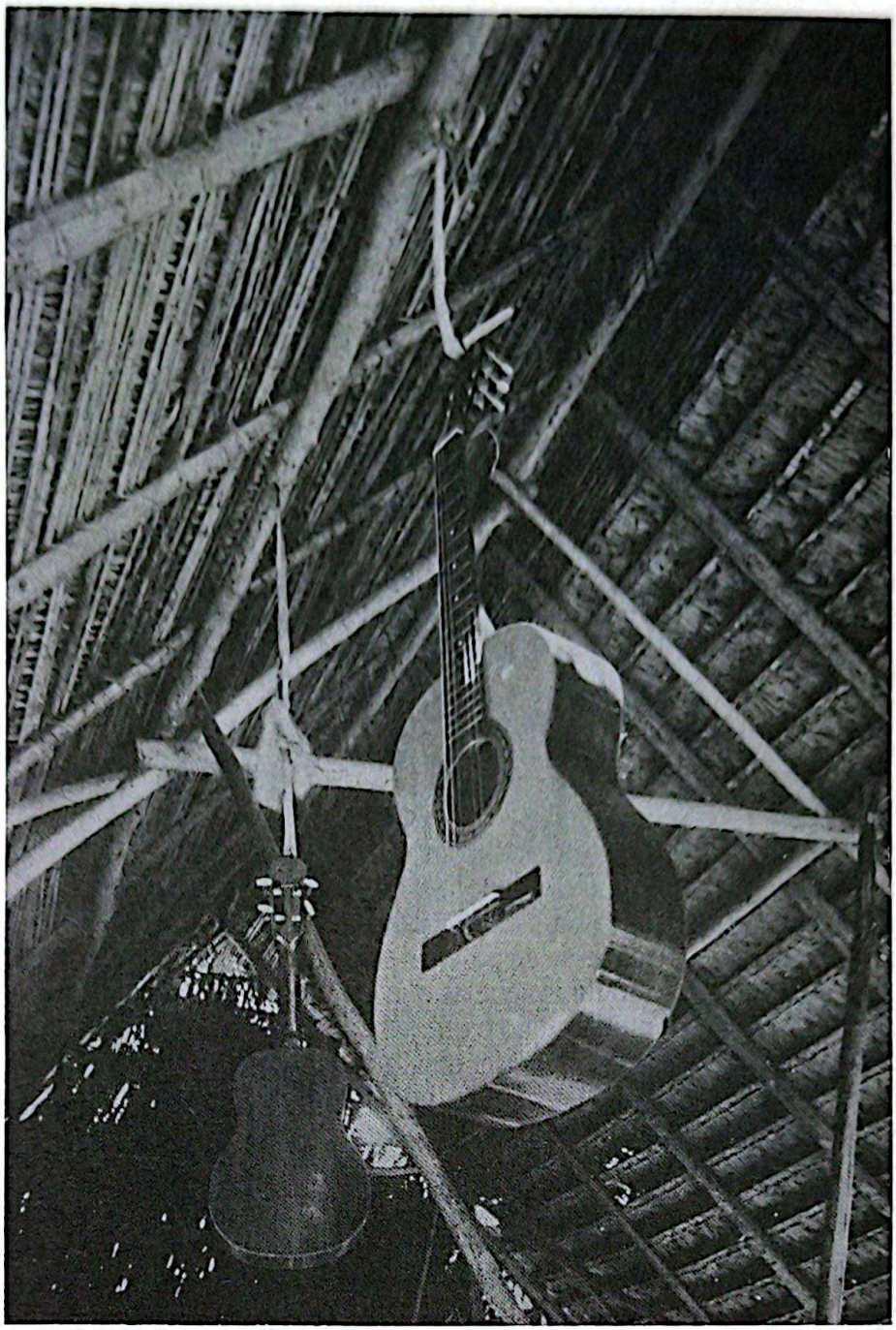
A concepção homogênea da cultura, imposta quer pela repressão e pela censura, quer pela propaganda e pelo desestímulo a toda e qualquer manifestação que não se *enquadre* dentro dos padrões, tenta estabelecer uma cultura única, *aceitável* para todo o território nacional, isto inibe a produção cultural nas micro-regiões, permitindo-lhes, apenas, um espaço bastante estreito para suas manifestações. Esta concepção tem caminhado lado a lado, a nível federal, com uma ação centralizadora das diretrizes que competem quer ao Estado, quer ao Município.

Da mesma forma, a administração dos recursos, processada de modo distante dos interesses das mais variadas comunidades, transforma os órgãos locais de cultura (quando e onde existem) em meros programadores de eventos culturais e artísticos. Tendo-se, no entanto, como eixo central, a valorização dessa imensa diversidade cultural da região amazônica, será mantido o meio de assegurar a identidade peculiar a cada situação, estimulando, na cultura da região, o seu modo próprio de compreender e interpretar a sua realidade e, ainda, de interferir nessa realidade.

... e, por isso mesmo, devem ser apoiadas as manifestações culturais dos índios e dos seringueiros, assim como as formas alternativas de cultura

A mobilidade desse trabalho, como produto em processo, buscará reintegrar aos contextos que o possibilitaram, os resultados tanto materiais como reflexivos, com o devido cuidado para que a presença no curso das conquistas populares seja mais ampla e aberta. Para concretizar este intento, é imprescindível uma perfeita articulação a nível local, municipal e de Estado, através da *soma* e do *trabalho conjunto* entre fundações, prefeituras, secretarias, casas de cultura, e a oportuna intervenção das organizações que, comprovadamente compõem a sociedade civil, enfim, entidades que representam o pensamento e a ação das comunidades, nas suas condições específicas, inseridas que estão no *processo social de produção*.

É necessário, portanto, respeitar os legítimos interesses das mais diversas populações, estabelecer um efetivo intercâmbio cultural entre elas, não apenas nas áreas municipais (onde o fluxo migratório é expressivo) e, decididamente, assegurar que a *escola* identifique-se com as formas de produção cultural viva. O fortalecimento de fundações culturais, de casas de cultura, bibliotecas permanentes, centros de ensino, etc. apropriadas para cada localidade e município, é fundamen-



tal para que se estabeleça o elo de ligação entre a massa de produtores culturais do Estado.

Os investimentos em situações culturais que despertam visão crítica, capazes de estimular a formação de uma *consciência social,* que permitam visão mais clara das questões regionais, devem ser prioritariamente fortalecidos, a fim de que, através da cultura, também se lute pela independência.

Compete ao Estado garantir, em todo o seu território, a liberdade de expressão, de produção, de escolha e de consumo dos bens culturais.

Impõe-se o *reconhecimento da pluralidade cultural* e, por isso mesmo, devem ser apoiadas as manifestações culturais dos índios e seringueiros, assim como as formas alternativas de cultura. Convém que se entenda a cultura como produção humana de caráter social, agenciadora de conhecimentos contextualizados, histórica e geograficamente, e como algo que deve ser protegido - sobretudo a *cultura de expressão popular* ou de *maioria social* - a fim de que tenha assegurada a sua identidade.

É necessário abrir espaços e espaço `a produção cultural, garantir a sua circulação e dar condições a que a população a receba. *Dar voz, desconfinar, criar público.*

Texto publicado pela Gazeta de Rio Branco em 22/12/88.